

A PRODUÇÃO DE CONTEÚDO SOBRE E PARA A PERIFERIA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO DA PÁGINA “PERIFERIA EM MOVIMENTO” NO FACEBOOK

Marcio Morrison Kaviski Marcellino ¹
Paulo Henrique Semicek ²

Resumo

O presente artigo surge da problemática: como o grupo Periferia em Movimento elabora conteúdos para jornalismo alternativo e hiperlocal? Como objetivo principal, o trabalho se propõe a compreender de que forma o grupo “A periferia em movimento” constrói suas narrativas jornalísticas. Sobre os objetivos específicos têm-se: identificar quais as mídias mais utilizadas na produção de conteúdo e verificar se há um espaço para o compartilhamento de vozes dentro destas produções imagéticas e textuais. Como hipótese, acredita-se que há uma repetição do que é feito pela grande mídia, ou seja, produção de conteúdos baseados em textos e imagens. Metodologicamente, é realizada uma análise de conteúdo com preceitos de Laurence Bardin (2011), mais especificamente a etapa de categorização, que se define por diferenciação dos conteúdos analisados e depois o reagrupamento dos mesmos. Esta metodologia é importante para compreender o que é produzido e postado no Facebook da página analisada. Foi realizada uma análise de um período de cinco dias consecutivos. Além da análise de conteúdo, este artigo realizou uma entrevista em profundidade com os responsáveis pela página “Periferia em Movimento” como forma de complementar as informações encontradas na categorização. Como resultado, foi possível observar que as postagens do site “Periferia em Movimento” seguem moldes imagéticos e textuais padrões em suas construções jornalísticas. Porém, emerge com o jornalismo comunitário, a possibilidade da participação popular na construção do processo jornalístico.

Palavras-chave

Narrativas Jornalísticas; Hiperlocal; Periferia; Produção de Conteúdo; Jornalismo Comunitário

Abstract

This article emerges from the problem: How does the Periferia em Movimento group create content for alternative and hyperlocal journalism? As a main objective, the work aims to understand how the group “Periferia em Movimento” constructs its journalistic narratives. About the specific objectives we have: identify which media are most used in the production of content and check if there is a space for sharing voices within these imagery and textual productions. As a hypothesis, it is believed that there is a repetition of what is done by the mainstream media, that is, production of content based on texts and images. Methodologically, a content analysis is performed with precepts by Laurence Bardin (2011), more specifically the categorization stage, which is defined by differentiating the analyzed contents and then regrouping them. This methodology is important to understand what is produced and posted on Facebook on the analyzed page. An analysis of a period of five consecutive days was carried out. In addition to the content analysis, this article conducted an in-depth interview

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) com bolsa CAPES. Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Membro dos grupos de pesquisa LACIM (UNISINOS) e INCOM (UTP). Email: marciomorrison@hotmail.com.

² Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) com bolsa CAPES. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do grupo de pesquisa LIC (UNISINOS). Email: paulohsemicek@gmail.com.

with those responsible for the “Periferia em Movimento” page as a way to complement the information found in the categorization. As a result, it was possible to observe that the posts on the website “Periferia em Movimento” follow image patterns and textual patterns in their journalistic constructions. However, the possibility of popular participation in the construction of the journalistic process emerges with community journalism.

Keywords

Journalistic Narratives; Hyperlocal; Suburb; Content production; Community Journalism

Introdução

A produção jornalística tem cada vez mais se diferenciado por produzir conteúdos para nichos específicos. Uma das vertentes do jornalismo é o comunitário, que visa notícias sobre e para comunidades. Sonia Aguiar (2016) defende essa forma de produzir conteúdo distanciando-a da grande imprensa. Para a autora, a proximidade geográfica em relação aos fatos que são reportados cria uma forte identidade sociocultural e político-econômica com os elementos as quais circulam.

Como objeto empírico de análise deste artigo está a página de Facebook do site “Periferia em Movimento”. Os responsáveis pelo grupo trazem uma proposta de jornalismo “sobre, para e a partir das periferias”, com todas as complexidades que esta abordagem carrega. Segundo o veículo, tal postura serve para a ocupação de espaços midiáticos que lhes são negados pelos grandes meios de comunicação. O site do qual deriva a página foi fundado em 2009, na cidade de São Paulo, pelos jornalistas Aline Rodrigues e Sueli Reis Carneiro.

O projeto analisando traz uma produção de conteúdo jornalístico que se dá de dentro para dentro, ou seja, ele pauta a cidade a partir da visibilização de histórias de quem está na linha de frente em lutas por garantia de direitos no que diz respeito à periferia. Entre estas pautas estão cultura, saúde, educação, mobilidade, moradia, preservação ambiental, trabalho e renda, tratando inclusive questões de gênero, raça e classe de forma transversal. A operação atual da Periferia em Movimento funciona com uma equipe de cinco integrantes fixos, um estagiário e uma rede de colaboradores pontuais.

Seguinte a esta contextualização, o presente artigo parte da seguinte problemática: como o grupo Periferia em Movimento elabora conteúdos para jornalismo alternativo e hiperlocal? Por se tratar de uma realidade específica dentro do universo do jornalismo, o objetivo principal do trabalho é compreender de que forma o grupo “Periferia em Movimento” constrói suas narrativas jornalísticas. Torna-se relevante identificar, neste contexto, como

o grupo articula as suas escolhas editoriais com as dinâmicas que alternam entre conteúdos próprios e colaborações com outros atores.

Sobre os objetivos específicos, têm-se; identificar as formas de utilização das mídias na produção de conteúdo e verificar de que maneira os espaços para o compartilhamento de vozes se consolidam nas produções visibilizadas pelo grupo.

A partir das ideias expostas, têm-se como hipótese de que há uma repetição do que é feito pela grande mídia, ou seja, produção de conteúdos baseados em textos e imagens. Parte disso, pela linguagem padrão a qual o objeto se encontra, a web.

Para resolver os problemas expostos, como metodologia, optou-se por duas etapas científicas. A primeira delas, uma análise de conteúdo com suporte teórico de Laurence Bardin (2011), justamente para a compreensão sobre o que é publicado pelo site. Em um segundo momento, é realizada uma entrevista em profundidade para complementar o que foi coletado com a primeira análise.

Jornalismo Local

O jornalismo local e hiperlocal é um apontamento teórico importante neste artigo, pois o objeto empírico foca justamente na relação entre comunicadores e grupos periféricos específicos em São Paulo.

Oliveira e Holanda (2010, p. 7) apontam que o jornalismo local ou hiperlocal funcionam com o cidadão emergente em um papel fundamental para a disseminação das notícias. Para os autores, em estudo sobre a relação entre produtores de conteúdo e população, esta relação amplia o alcance das reportagens. “O papel do cidadão foi fundamental na difusão de conteúdos hiperlocais, porque, por questões estruturais e econômicas, a cobertura jornalística não pode alcançar tal amplitude”.

Rocha (2015) aponta que o hiperlocalismo é uma tendência no jornalismo para explorar discussões de interesses locais sobre determinada região reportada. A autora ainda afirma que esta não é uma prática nova na comunicação, mas que ganhou um avanço com a internet e, mais especificamente, com as redes sociais.

Ainda para a pesquisadora, a relação entre a comunidade e a mídia no jornalismo hiperlocal deve ser recíproca, ou seja, com a participação de membros da comunidade diretamente na produção dos conteúdos.

É importante ressaltar que a relação entre mídia e comunidade deve acontecer de maneira recíproca, com o veículo abrindo espaço para a participação do público. No caso da internet, a interatividade torna essa tarefa mais fácil, visto que o papel do hiperlocalismo é atualizar e contextualizar a cultural local, servindo de contraponto às publicações nacionais e internacionais. O objetivo é ser útil à sociedade e consequentemente à região na qual atua (ROCHA, 2015, p. 15).

Lemos e Pereira (2011) apontam que essa relação da comunidade com a produção de notícias é importante para a população se referenciar e se identificar. Ainda apontam que é “importante pensar que as políticas e ações que valorizam e promovem as tradições locais continuam aderentes e podem contribuir para sustentar os perfis históricos que distinguem os habitantes de uma cidade. Cada cidade tem sua memória, que se encontra em cada bairro particular (LEMONS; PEREIRA, 2011, p. 4).

Assim como cada cidade e bairro possuem suas histórias particulares, as comunidades também possuem suas especificidades. Por isso é importante e relevante, além do olhar sobre a comunidade, uma vez que esse artigo se dá nas reverberações de notícias sobre e para periferias, uma visão teórica sobre jornalismo para comunidades ou jornalismo comunitário.

Logo, no momento em que uma comunidade manifesta a existência de um trabalho jornalístico que se volte para as suas demandas, ela permite que o jornalismo construa um espaço no qual os membros comunitários se identifiquem e demarquem suas posições frente a outras estratificações sociais.

Por trás do discurso midiático, não há um espaço social mascarado, deformado ou parcelado por esse discurso. O espaço social é uma realidade empírica compósita, não homogênea, que depende, para sua significação, do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos que produzem para torná-lo inteligível (CHARADEAU, 2007, p.131).

O jornalismo comunitário, desta forma, se coloca como responsável pela construção de uma realidade empírica que, diferente da cobertura de veículos tradicionais, trabalha por uma discursividade que contemple as demandas de um determinado local pensadas também por uma perspectiva local.

Jornalismo Comunitário

O jornalismo, como lugar definitivo de narração dos fatos, tem uma importância

social grande em nossa sociedade. O jornalismo comunitário auxilia a criação de um local social, uma narração de acontecimentos de uma comunidade específica.

De acordo com Beatriz Polivanov (2015), o conceito de comunidade se tornou emergente nas pesquisas contemporâneas por dois motivos. O primeiro deles, por ser um contraponto ao fenômeno da globalização. Para a autora, existe uma relação paradoxal de reafirmação da localidade. Em segundo lugar, como um caráter fragmentário da realidade, em que, se identificar torna-se essencial na ambiência atual. Polivanov (2015) defende o conceito de comunidade como:

Tem-se que a comunidade seria o lugar do afeto, das relações primárias, da tradição, da partilha de interesses e território em comum, ao passo em que a sociedade seria o seu contrário, marcada pela racionalidade, pelas relações secundárias com pouco contato face-a-face, pela modernidade, interesses pessoais com fins econômicos e desterritorialidade (POLIVANOV, 2015, p. 4).

Mesmo com a globalização, há uma forte tendência e preocupação com questões locais pelo jornalismo. Segundo Paiva (2006): “hoje, a questão do comunitarismo e da comunicação comunitária desponta como uma das mais citadas em todo o mundo e, de maneira bastante intensa, no Brasil” (PAIVA, 2006, p. 68).

Para a autora, o jornalismo comunitário deve voltar seus olhares à própria comunidade. Esta interrelação ocasionaria uma proximidade entre os dois polos, em que surgiriam e se desenvolveriam assuntos pertinentes para o corpo social.

Se acentue a relação existente, em especial potencializando as facetas positivas dessa interrelação, que são para a grande mídia a inegável proximidade com a existência concreta das populações, mais bem apreendida pelos veículos comunitários. Esta característica pode ser extremamente útil - e já o tem sido - quando o propósito é selecionar pautas e assuntos que envolvam diretamente a coletividade (PAIVA, 2006, p. 9).

Nesse sentido, o coletivo social e os jornalistas teriam um elo de troca. A população ganharia voz participando diretamente ou indiretamente - termos adotados na metodologia e análise deste artigo - na produção de pautas, fotografias, denúncias e os comunicadores ganhariam credibilidade e audiência da comunidade.

Peruzzo (2008) concorda com a linha de pensamento de Paiva (2006). Para a autora, os interesses em comum mais urgentes para a comunidade emergem no jornalismo comunitário. Segundo ela:

A comunicação comunitária, na forma como vem se desenvolvendo nos últimos tempos significa: o canal de expressão de uma comunidade (independente do seu nível sócio-econômico e território), por meio do qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes (PERUZZO, 2008, p. 375).

Ainda segundo a pesquisa, o jornalismo comunitário está intrinsecamente ligado ao povo. Peruzzo (2008) afirma que os processos comunicacionais têm visibilidade em duas situações. O primeiro, na apropriação de instrumentos de comunicação. E o segundo, o que mais interessa a este artigo, quando há o empoderamento social das tecnologias de comunicação. Para isso, na continuidade deste trabalho, é necessário compreender questões relativas às redes sociais.

Redes Sociais

A teorização sobre redes sociais é importante para a compreensão e seguimento teórico e prático deste artigo, uma vez que foi realizada nesse artigo uma análise do perfil do site “Periferia em Movimento”.

O conceito de rede social é possível porque existem atores sociais que estabelecem conexões uns com os outros, pelas quais informações são mediadas. Primo (2012) define este ator social como um elemento que, por meio de sua interação, interfere em um fluxo de informações na rede, mas que também recebe interferências de outros atores. Faz-se necessária então a compreensão de que um indivíduo presente em uma rede social tem a capacidade de, ao mesmo tempo, receber e produzir conteúdo (CORRÊA, 2014).

Esta capacidade dupla é um elemento importante para definir a rede social como um ambiente virtual horizontal, no qual os usuários, ao contrário de contextos midiáticos anteriores, podem exercer uma comunicação ativa e reativa com outros indivíduos.

Analisar implicações sociais e comunicacionais da utilização da Web social no contexto actual, em que prolifera a lógica das redes sociais, obriga a uma reflexão sobre a nova geração da Internet e a alteração de paradigma social - e, conseqüentemente, comunicacional. Na nossa perspectiva, a transição de modelo apenas se opera a partir da Internet rotulada como Web 2.0 e não na geração anterior, na qual consideramos que o utilizador genérico era, na prática, um receptor como nos media tradicionais e que apenas os especialistas compunham as comunidades de efectivos utilizadores (AMARAL, 2016, p.34)

Recuero (2009) aponta que os sites de redes sociais na internet são um dos aspectos mais populares no estudo de redes. Para a autora, este não é um assunto relativamente novo no campo comunicacional, mas aborda ferramentas importantes na mediação de informações por atores sociais. “Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador” (RECUERO, 2009, p.102). Encontra-se aqui, o Facebook. Raquel Recuero aponta que as conexões nas redes sociais são um dos principais focos de estudos dentro das pesquisas sobre o tema:

Enquanto os atores representam os nós (ou nodos) da rede em questão, as conexões de uma rede social podem ser percebidas de diversas maneiras. Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. De um certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos” (RECUERO, 2009, p.32).

A autora (2009, p.103) afirma também que esses softwares “permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço off-line”. Com isto, percebe-se que esses sites podem ser utilizados para moldarem e estimularem a proximidade de relações sociais, principalmente em comunidades, como é o caso da “Periferia em Movimento”.

A página é, portanto, uma extensão on-line de laços que foram criados off-line entre a comunidade e os produtores de conteúdo do site. São estes laços sociais que consolidam a “Periferia em Movimento” como o objeto de análise empírica do presente artigo. Parte importante da dinâmica de publicação da página reside no fato de que membros da comunidade e outros produtores periféricos podem enviar informações aos jornalistas, fazendo dessa conexão um elemento de credibilidade entre o site e a comunidade a que ele busca dar visibilidade.

A escolha metodológica pela entrevista em profundidade é, portanto, uma forma de compreender, pela perspectiva dos produtores de conteúdo, como se desenvolve esta conexão entre a equipe da Periferia em Movimento, membros da periferia e suas recorrentes colaborações para a dinâmica do produto jornalístico na rede social.

Metodologia

Duas metodologias de análise foram utilizadas neste artigo para verificar a manifestação das questões propostas. A primeira foi a análise de conteúdo com preceitos de Laurence Bardin (2011), que com sua proposta de etapa de categorização, diferencia as dinâmicas de publicação de conteúdo analisadas em um primeiro momento para depois reagrupá-los. Essa metodologia foi importante porque permitiu a melhor compreensão dos movimentos de produção imagética e textual na página de Facebook “Periferia em Movimento”. Devido a essa construção empírica, foi possível identificar os modos de utilização dos elementos jornalísticos nas reportagens. Quanto à segunda, optou-se pela entrevista em profundidade como complemento com poder de validação dos resultados da análise. Para Cardano (2011), essa ferramenta permite observar interações e sociabilidades de uma maneira mais comum e com caráter de identificação.

Bardin (2011) defende que a análise de conteúdo é composta por três fases ou polos cronológicos. O primeiro deles é a pré-análise. Para a autora, este é um período de organização, ou seja, de sistematização do que será feito durante o processo. Com isso, decidiu-se que a investigação da página no Facebook, objeto deste trabalho, seria realizada em um período de cinco dias consecutivos. Como modo de aplicar este estudo o trabalho se propõe a estruturar as categorias de exploração, como é possível observar na tabela que segue:

Tabela 1 - Categorias da análise de conteúdo

Título da reportagem	Data da Postagem	Composição Imagética e Textual	Espaço para vozes
Título da reportagem no Facebook	Data da Postagem no Facebook	O texto é composto de: a) Texto; b) Vídeo; c) Áudio; d) Fotografias; e) Infográficos;	Há espaços para vozes: a) Diretamente; b) Indiretamente; c) Não há espaço para vozes;

Fonte: os autores, 2019

Em um segundo momento, Bardin (2011) afirma que é necessário explorar o material. Para a autora, “a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de

operações efetuadas por computador” (BARDIN, 2011, p. 131). Este mecanismo de pesquisa, portanto, nada mais é do que uma codificação dos resultados encontrados durante o período de investigação.

A terceira parte da análise de conteúdo é denominada, por Bardin (2011), de tratamento ou interpretação dos dados obtidos. Para a autora, estes resultados podem ser dispostos por tabelas, gráficos, porcentagens, figuras ou outros modelos que condensem os dados encontrados durante a investigação decorrente.

A segunda metodologia presente nesse artigo, a entrevista em profundidade, tem o propósito de complementar os resultados encontrados durante o período de análise. Dessa forma, os produtores de conteúdo da página foram entrevistados como forma de validar ou mesmo questionar os resultados da análise de conteúdo. Entende-se que entrevistar esses sujeitos é a melhor forma de alcançar os objetivos propostos neste artigo uma vez que são eles os responsáveis por mediar os conteúdos presentes nas redes sociais e no site “Periferia em Movimento”.

Mario Cardano (2011, p. 177) afirma que a entrevista convencional “identifica a forma de interação mais comum e, ao mesmo tempo, a forma pura daquele tipo de sociabilidade que constitui a entrevista”. Para a organização das ideias e dos pontos estudados previamente à etapa de entrevistas, para este artigo optou-se pelo roteiro estruturado para a realização da entrevista, o que significa dizer que as perguntas elaboradas foram pré estabelecidas e concebidas de acordo com o que foi proposto como campo teórico.

Análise de resultados

Ao todo, foram cinco dias consecutivos no qual se desenvolveu o período de análise da página “Periferia em Movimento”. Dentro deste recorte, foram encontrados um total de sete postagens de conteúdo. A conexão entre as publicações próprias do site e iniciativas incorporadas a ele se demonstra pela proporção identificada neste universo: entre as postagens observadas, quatro eram reportagens elaboradas pela equipe da página e as outras três são conteúdos replicados, que foram produzidos externamente por parceiros do site.

Dados apresentados na etapa de entrevista em profundidade apontam que a Periferia em Movimento possui um intercâmbio de notícias com comunicadores de periferias de diversos estados brasileiros, materializando nas publicações um ciclo de informações sobre e para as periferias. De acordo com dados obtidos:

“O intercâmbio [aqui se refere a replicação de conteúdos de outras redes comunicadoras para periferias] é constante desde sempre, com contato com outros comunicadores e jornalistas em periferias de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Brasília, principalmente. Em São Paulo, fundamos e participamos desde 2016 da Rede Jornalistas das Periferias, que reúne diversas outras iniciativas. Também integramos o Fórum Comunicação e Territórios, que neste ano mapeou 97 iniciativas de comunicação nas periferias de São Paulo”.

Com relação à construção imagética e textual, foi verificado que todas as reportagens apresentam características de webjornalismo, que englobam elementos textuais e visuais, entre outros. Nesse contexto, os elementos visuais próprios do webjornalismo são importantes para o aprofundamento da relação entre a sociedade e os produtores de conteúdo. Imagens e vídeos, os conteúdos mais utilizados, são importantes pois retratam imageticamente a realidade da comunidade. Por isso, os produtores destacam que

“Publicamos em geral textos para divulgação de ações ou reportagens mais quentes; para abordagens mais complexas, priorizamos o vídeo, sempre acompanhado de texto e foto e às vezes com mapas, memes, infográficos, etc”.

Há ainda uma destacada preocupação dos produtores de conteúdo em priorizar formatos textuais, imagéticos e audiovisuais que sejam adequados ao que avaliam como modos de consumo do público da “Periferia em Movimento”. As construções narrativas, neste ponto, se moldam às características de existência de vida nas periferias identificadas pelo grupo.

“Existe uma preocupação com o formato considerando que a rotina estafante da população e o acesso que tem à internet estimula o consumo rápido de informação. Por isso, priorizamos textos mais curtos, maior interatividade (daí, os mapas), vídeos que podem ser assistidos nos canais em que essas pessoas já estão e pelo celular”.

Outro ponto relevante presente na produção de conteúdo diz respeito aos critérios adotados pela “Periferia em Movimento” na elaboração de reportagens, sejam elas fruto de apuração própria ou de colaborações de terceiros. Os critérios para tal produção, segundo entrevista em profundidade, se voltam a lutas dos próprios moradores em uma perspectiva territorializada e reflexos de assuntos cotidianos na própria comunidade, em uma dinâmica sempre capitaneada pelo grupo.

“O critério é a importância do assunto para as populações periféricas, principalmente a partir do Extremo Sul de São Paulo. Buscamos dar visibilidade para quem está na frente de luta pela garantia das periferias e pautamos as temáticas a partir de um olhar territorializado. Por exemplo: impacto da Reforma da Previdência na vida da população periférica.”

Com relação ao espaço de vozes, observa-se uma dinâmica de publicação nas quatro reportagens produzidas pelo site “Periferia em Movimento” que alterna a valorização das colaborações de membros da comunidade com a reverberação de ações de outros atores dentro da comunidade, como denúncias feitas pela população. Neste universo, duas reportagens são espaços de vozes direto e duas são chamadas para eventos sociais periféricos.

Com relação à participação da comunidade nas construções narrativas, vale destacar, de acordo com a entrevista em profundidade, que a articulação entre a organização do site e a população das respectivas comunidades existe, mas é operada em uma lógica jornalística que dá protagonismo ao trabalho do “Periferia em Movimento”, uma vez que o grupo assume, por meio das entrevistas, que as contribuições da comunidade são mediadas com uma observação de conjunturas mais amplas por parte do grupo, gerando assim uma produção de conteúdo.

“Nos baseamos principalmente nas articulações que temos nos territórios, relacionamos com denúncias que recebemos on-line, cruzamos com a conjuntura política atual e a partir daí produzimos um conteúdo que vá discutir isso. Por exemplo: cortes na Assistência Social promovidos pela Prefeitura de São Paulo. Nós vamos ouvir a população que está sendo afetada por isso”.

Estas articulações fazem parte de um processo de construção de imagem do canal perante a comunidade que é mediado pelos membros do “Periferia em Movimento”. A colaboração entre o grupo e a comunidade é construída e constitui uma credibilidade mútua, em um processo que dá ao site a responsabilidade de visibilizar as demandas comunitárias e escolher as melhores alternativas para tal.

“Qualquer pessoa pode contribuir com sugestões de pauta. E, na medida do possível, nós damos uma devolutiva e/ou produzimos o conteúdo. Moradores podem colaborar com denúncias de violações de direitos ou indicando ideias de pessoas que estão viabilizando esse direito na prática, apontando soluções que as próprias periferias criam para lidar com essa violação”.

Emerge, desta abertura e espaço de vozes, um campo de discussão sobre e para a periferia. É através da interação e circulação de informações que se fortalecem laços políti-

cos, históricos e sociais. As relações entre comunicadores e emissores de informação se estabelecem em uma perspectiva midiaticizada, em que, os emissores não são passivos, reagem e participam no processo comunicacional.

Considerações Finais

A estratégia de construção imagética e textual da “Periferia em Movimento” nas reportagens observadas neste artigo é desenvolvida pela questão da fácil compreensão dos conteúdos, visando a rotina da população periférica. Elementos visuais, como imagens e vídeos, e textos curtos são utilizados pela equipe para exercitar uma linguagem de fácil acesso, procurando assim produzir materiais de forma a trabalhar todos os recursos possíveis jornalisticamente dentro do Facebook.

O jornalismo comunitário e hiperlocal se manifesta na construção das reportagens, buscando obedecer ao propósito do site em produzir conteúdo sobre e para a periferia. É possível observar esta busca pelo engajamento com a comunidade nas publicações analisadas, mas com limitações de produção e linguagem, como projetado em hipótese, e uma mediação dos conteúdos, ou seja, as publicações e colaborações obedecem a um entendimento do grupo sobre o que são as comunidades e como se dá o acesso delas à comunicação. Tanto no nível da realidade recortada (o “sobre”) quanto na forma que o site direciona suas publicações (o “para”) esta mediação se faz presente.

Desta forma, a relevância da comunidade para esta construção de informações é importante, mas carrega suas limitações. Há um espaço de vozes que permite aos moradores da periferia elaborarem e sugerirem pautas, além de apurar as informações, alimentando o “Periferia em Movimento” com conteúdos que ajudam a retratar suas realidades. No entanto, cabe à equipe editorial, orientada por suas perspectivas de comunidade e periferia, enquadrar os conteúdos e valorizar as colaborações externas de forma mais ou menos intensa. O jornalismo hiperlocal está presente e passível de um fortalecimento de credibilidade, mas com a ressalva de que o movimento observado nesta troca foi o de uma articulação que prioriza a alimentação da produção do grupo.

Desta forma, as postagens do site “Periferia em Movimento” na sua página do Facebook manifestam dois processos distintos, mas complementares na estrutura jornalística observada durante o período de análise.

O primeiro processo diz respeito à forma com a qual os conteúdos foram apresentados nas reportagens analisadas. As publicações seguiram moldes imagéticos e textuais

padronizados em suas construções que obedecem a critérios também realizados pela grande mídia. Exemplos disto são o texto curto para a Internet e o uso de vídeos em reportagens para a web.

O segundo processo manifesta-se na elaboração dos conteúdos jornalísticos da página. A possibilidade de uma participação popular na construção deste processo caracteriza o site, em sua forma de página do Facebook, dentro dos parâmetros do jornalismo comunitário. Contudo, trata-se de um processo que pode ser ampliado, no sentido de que esta aproximação entre produtores e comunidade permite a abertura a toda uma pluralidade de perspectivas possíveis nas comunidades que se relacionam com a equipe editorial.

Como possibilidade futura de pesquisa destaca-se a oportunidade de aprofundamento das relações entre produtores de conteúdo e a comunidade. Identificou-se nesse artigo a presença de conteúdos sobre e para a periferia, porém, há uma necessidade de olhar para como essas produções são planejadas e desenvolvidas com os próprios atores sociais, ou seja, como a comunidade participa na produção jornalística.

Referências

- AGUIAR, Sonia. **Territórios do Jornalismo: Geografias da mídia local e regional no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.
- AMARAL, Inês. **Redes Sociais na Internet: sociabilidades emergentes**. 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CARDANO, MARIO. **Manual de Pesquisa qualitativa: contribuição da teoria da argumentação**. Editora Vozes, 2011.
- CARVALHO, Guilherme. **Jornalismo Alternativo na era digital: análise de reportagens da agência pública**. Revista Alterjorn, 2014. Disponível em: <http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/viewArticle/aj10-a7>
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CORRÊA, Elisa CD. **Usuário, não! Interagente. Proposta de um novo termo para um novo tempo**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 19, n. 41, p. 23-40, 2014.
- LEMOs, Cândida Emília Borges; PEREIRA, Reinaldo Maximiano. **Jornalismo hiperlocal no contexto multimídia: um relato da experiência do jornal-laboratório contramão online**. XVI Congressos da Ciências da Comunicação, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0588-1.pdf>.

NASCIMENTO, Maurício Lavarda; ROSA, Rosane. **A insurgência de um discurso de dissenso: apropriações do jornal “voz da comunidade” no Facebook**. Revista Alterjor, 2014. Disponível em: http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/view/aj10-a2/pdf_145

OLIVEIRA, Nelson de; HOLANDA, André Fabrício da Cunha. **Jornalismo participativo e informação hiperlocal: o papel de mashups e hashtags na construção da notícia em redes sociais**. Universidade Federal da Bahia, 2010. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/662/614>.

PAIVA, Raquel. **Jornalismo Comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático)**. Revista Famecos. Porto Alegre: 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550186006.pdf>

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Conceitos de Comunicação popular, alternativa e comunitária revisados.Reelaboraões no setor**. Revista Famecos. Porto Alegre: 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/649/64911214.pdf>

POLIVANOV, Beatriz. **Reapropriações do Conceito de Comunidade**. 3º encontro regional sudeste história da mídia. São Paulo, 2015. Disponível em: file:///C:/Users/marci/Downloads/GTMidiaAlternativa_BeatrizPolivanov.pdf.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **O que há de social nas mídias sociais?: reflexões a partir da teoria ator-rede**. Contemporânea: Comunicação e Cultura. Salvador. Vol. 10, n. 3 (set./dez. 2012), p. 618-641, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet. Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**. São Paulo, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. São Paulo: Editora Insulina, 2009.

ROCHA, Liana Vidigal. **Mobilidade, convergência e hiperlocalismo no webjornalismo brasileiro**. Curitiba, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/teste/article/view/46031/27680>